

ENTRE A COMUNICAÇÃO E A LINGUÍSTICA APLICADA: TRAJETÓRIA, FORMAÇÃO DOCENTE E NOVOS OLHARES PARA O PPG-LA DA UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Thiago Vasquez MOLINA
Universidade de Taubaté

Resumo

Neste artigo, apresento uma reflexão sobre minha trajetória no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté (PPG-LA), primeiro como mestrando e, posteriormente, como docente. Nesse movimento, proponho uma retomada de minha formação e, ao mesmo tempo, a explicitação das contribuições que hoje considero possíveis para o PPG-LA, especialmente no que se refere aos debates sobre comunicação, linguagem audiovisual e ensino. Parto de minha experiência profissional anterior, construída no campo da produção audiovisual, e do percurso formativo desenvolvido no mestrado acadêmico em Linguística Aplicada entre 2014 e 2016, para mostrar como esse processo me levou a compreender a docência como prática de mediação e o audiovisual como linguagem socialmente situada, multimodal e pedagogicamente relevante. Como base teórica, mobilizo os conceitos centrais da minha dissertação de mestrado, a saber: o Interacionismo Sociodiscursivo, os gêneros de texto, o modelo didático de gênero, a sequência didática e a transposição didática, articulando-os a aportes mais recentes de pesquisadores como Moita Lopes (2006), sobre a natureza mestiça e interventiva da Linguística Aplicada, e Rojo e Barbosa (2015), sobre práticas de multiletramentos. Defendo que o PPG-LA, ao acolher pesquisadores de diferentes áreas, reafirma uma vocação interdisciplinar, transdisciplinar e indisciplinar própria da Linguística Aplicada contemporânea, e consolida um espaço fértil para investigações sobre práticas de linguagem cada vez mais centrais na vida social, como aquelas mediadas pelo audiovisual e pelas mídias digitais.

Palavras-chave: Linguística Aplicada; formação docente; linguagem audiovisual; interdisciplinaridade; PPG-LA.

***BETWEEN COMMUNICATION AND APPLIED LINGUISTICS:
TRAJECTORY, TEACHER EDUCATION, AND NEW
PERSPECTIVES ON THE GRADUATE PROGRAM IN APPLIED
LINGUISTICS AT THE UNIVERSITY OF TAUBATÉ***

Abstract

In this article, I present a reflection on my trajectory in the Graduate Program in Applied Linguistics at the University of Taubaté (PPG-LA), first as a master's student and later as a faculty member. In this movement, I revisit my academic formation and, at the same time, outline the contributions I now consider possible for the PPG-LA, especially regarding debates on communication, audiovisual language, and teaching. I draw on my previous professional experience in audiovisual production and on the formative path developed during my master's degree in Applied Linguistics between 2014 and 2016, in order to show how this process led me to understand teaching as a mediating practice and audiovisual language as socially situated, multimodal, and pedagogically relevant. As a theoretical basis, I mobilize core concepts from my master's dissertation, namely: Sociodiscursive Interactionism, text genres, the didactic genre model, didactic sequence, and didactic transposition, articulating them with more recent contributions from researchers such as Moita Lopes (2006) on the mixed and interventionist nature of Applied Linguistics, and Rojo and Barbosa (2015) on multiliteracy practices. I argue that the PPG-LA, by welcoming researchers from different areas, reaffirms an interdisciplinary, transdisciplinary, and indisciplinary vocation characteristic of contemporary Applied Linguistics, and consolidates a fertile space for investigations into language practices that are increasingly central in social life, such as those mediated by audiovisual media and digital platforms.

Keywords: Applied Linguistics; teacher education; audiovisual language; interdisciplinarity; Graduate Program in Applied Linguistics.

ENTRE LA COMUNICACIÓN Y LA LINGÜÍSTICA APLICADA: TRAYECTORIA, FORMACIÓN DOCENTE Y NUEVAS MIRADAS SOBRE EL PROGRAMA DE POSGRADO EN LINGÜÍSTICA APLICADA DE LA UNIVERSIDAD DE TAUBATÉ

Resumen

En este artículo presento una reflexión sobre mi trayectoria en el Programa de Posgrado en Lingüística Aplicada de la Universidad de Taubaté (PPG-LA), primero como estudiante de maestría y, posteriormente, como docente. En este movimiento, propongo una recuperación de mi formación académica y, al mismo tiempo, la explicitación de las contribuciones que hoy considero posibles para el PPG-LA, especialmente en lo que se refiere a los debates sobre comunicación, lenguaje audiovisual y enseñanza. Parto de mi experiencia profesional previa, construida en el campo de la producción audiovisual, y del recorrido formativo desarrollado en la maestría académica en Lingüística Aplicada entre 2014 y 2016, para mostrar cómo ese proceso me llevó a comprender la docencia como práctica de mediación y lo audiovisual como un lenguaje socialmente situado, multimodal y pedagógicamente relevante. Como base teórica, movilizo conceptos desarrollados en mi tesis de maestría y en los autores que la sustentan, tales como el Interaccionismo Sociodiscursivo, los géneros textuales, el modelo didáctico de género,

la secuencia didáctica y la transposición didáctica, articulándolos con aportes de Moita Lopes (2006) y Rojo y Barbosa (2015). Sostengo que el PPG-LA, al acoger investigadores de diferentes áreas, reafirma una vocación interdisciplinaria, transdisciplinaria e indisciplinaria propia de la Lingüística Aplicada contemporánea, y consolida un espacio fértil para investigaciones sobre prácticas de lenguaje cada vez más centrales en la vida social, como aquellas mediadas por lo audiovisual y por las plataformas digitales.

Palabras-clave: *Lingüística Aplicada; formación docente; lenguaje audiovisual; interdisciplinarietà; Programa de Posgrado en Lingüística Aplicada.*

1. INTRODUÇÃO

Escrever para uma edição comemorativa dos 30 anos do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté tem, para mim, um significado particular. Meu vínculo com o PPG-LA não é apenas institucional no presente, ele é também formativo, afetivo e intelectual. Antes de integrar o corpo docente do programa, fui mestrando nesse mesmo espaço. Foi nele que encontrei não apenas um percurso acadêmico *stricto sensu*, mas também as condições para compreender de maneira mais profunda minha própria constituição como professor e pesquisador.

Por isso, ao pensar em um recorte para terceira parte deste dossiê, dedicado aos "Novos olhares para o programa e a Linguística Aplicada", optei por construir um texto que articula memória, reflexão e projeção. Não se trata apenas de resgatar minha história no programa, embora isso seja importante, mas de explicitar o olhar que hoje lanço ao PPG-LA a partir da dupla condição de egresso e docente. Esse olhar é atravessado por minha trajetória profissional na Comunicação, por minha formação em Linguística Aplicada e pelo entendimento de que a vitalidade de um programa como este depende também de sua capacidade de dialogar com problemas contemporâneos de linguagem em diferentes esferas sociais.

Minha entrada no PPG-LA ocorreu em 2014, quando ingressei no mestrado acadêmico em Linguística Aplicada. Concluí esse percurso em 2016, com a defesa da dissertação *Sequência didática para o ensino do gênero documentário audiovisual construída a partir da série Coletivando*, na qual busquei elaborar uma proposta de

ensino para o documentário audiovisual em cursos de Comunicação Social, com base nos aportes do Interacionismo Sociodiscursivo e de sua vertente didática (Molina, 2016).

É a partir dessa posição que escrevo este artigo. Meu objetivo é refletir sobre minha trajetória no PPG-LA, destacar o papel que o programa teve em minha formação docente e indicar como compreendo, no presente, minhas possibilidades de contribuição para os debates em Linguística Aplicada, sobretudo no que se refere à comunicação, à linguagem audiovisual, aos gêneros multimodais e à ampliação das discussões interdisciplinares no âmbito do programa.

A construção deste texto contou com o auxílio da ferramenta de inteligência artificial generativa Claude (Anthropic), utilizada como suporte na organização estrutural do artigo, na revisão e adequação das referências às normas da ABNT. Todo o conteúdo intelectual do artigo, incluindo a seleção teórica, as interpretações, as citações da dissertação de origem e as reflexões sobre a trajetória formativa apresentada, é de autoria do pesquisador.

2. O ENCONTRO COM O PPG-LA

Minha formação inicial não ocorreu em uma licenciatura. Graduei-me em Publicidade e Propaganda em 2003 e, desde então, construí minha trajetória profissional no mercado de produção audiovisual. Trabalhei em diferentes frentes, da publicidade ao jornalismo e da ficção ao documentário, acumulando experiências em direção, produção, criação de conteúdos institucionais e desenvolvimento de narrativas audiovisuais.

A docência, no início, não se apresentava como projeto de vida. Ela entrou em minha trajetória de forma gradual, por meio de convites pontuais, substituições de professores, participação em disciplinas ou módulos específicos e situações em que fui chamado a compartilhar saberes construídos na prática profissional. Eu ensinava sem ainda me reconhecer plenamente como professor. Havia, naquela fase, muito mais a disposição de colaborar com demandas institucionais e dividir experiências do que uma compreensão amadurecida sobre o que significa ensinar.

Foi em 2014, quando recebi um convite para assumir aulas em uma instituição de ensino superior, que essa percepção começou a mudar. Naquele momento, compreendi que, se desejasse considerar a docência como possibilidade concreta de transição profissional, precisaria investir em minha formação. O mestrado em Linguística Aplicada na Universidade de Taubaté surgiu, então, como resposta a uma inquietação muito concreta: eu conhecia o ofício do audiovisual, mas precisava compreender melhor como se ensina, como se aprende e de que maneira um saber profissional pode ser reelaborado como objeto de ensino.

Hoje reconheço que minha entrada no PPG-LA foi também a entrada em outra forma de ler minha própria trajetória. O programa me permitiu ressignificar minha experiência anterior e compreender que o campo da linguagem oferecia instrumentos potentes para pensar o audiovisual para além da técnica, do mercado e da execução de produtos. Foi ali que comecei a entender o audiovisual como prática social, linguagem, gênero e espaço de formação, perspectiva que se tornaria o núcleo de minha dissertação e que orienta meu trabalho docente até hoje.

Essa ressignificação da trajetória pelo contato com a pesquisa em linguagem dialoga com o que Moita Lopes (2006, p. 23) denomina a natureza mestiça e aplicada da Linguística Aplicada: um campo que se constrói a partir de "problemas de linguagem que as pessoas têm que enfrentar na prática social". Em meu caso, o problema era precisamente o da tradução de uma prática profissional em prática de ensino, e o PPG-LA ofereceu o espaço teórico e metodológico para enfrentá-lo.

3. O MESTRADO E A FORMAÇÃO COMO PROFESSOR

Ao revisitar minha dissertação, vejo com nitidez que ela registra mais do que uma pesquisa sobre o ensino do documentário audiovisual; ela documenta também um processo de transformação profissional e identitária. No resumo do trabalho, afirmei que a pesquisa poderia contribuir com os professores da área da Comunicação Social e com a comunidade científica, mas também que "ao pesquisador, as contribuições voltam-se, especialmente, para a sua profissionalização, levando-o a uma reconcepção do trabalho docente" (Molina, 2016, p. 6).

Esse aspecto ganha ainda mais sentido quando relacionado ao processo real de entrada na docência. Ao discutir o agir do professor e os desafios do início da carreira, Barros (2014, p. 42) observa que:

o docente apenas cria o seu estilo profissional na prática, no seu trabalho diário, a partir de erros e acertos, de adaptações acertadas e frustradas, de sucessos e insucessos, pois o seu treinamento é feito a partir da inserção direta na atividade de trabalho.

Ao trazer essa reflexão para minha própria trajetória, percebo que o PPG-LA foi o espaço em que a experiência prática acumulada no campo da Comunicação começou a ser reelaborada teoricamente como prática docente. Não se tratava de substituir o saber prático pelo saber teórico, mas de mobilizar o segundo para refletir sobre o primeiro e, com isso, produzir um tipo de conhecimento que Tardif (2002) denominaria saber experiencial reflexivo, construído na e pela prática, mas orientado por referenciais que lhe conferem inteligibilidade.

No PPG-LA, compreendi que minha relação com a docência não poderia se sustentar apenas no repertório técnico acumulado ao longo dos anos. Era necessário desenvolver uma compreensão mais sistemática do ensino, da aprendizagem, dos gêneros, da mediação didática e do papel da linguagem na constituição dos sujeitos. Foi nesse contexto que a Linguística Aplicada se tornou, para mim, um espaço de formação efetiva.

Um dos conceitos que mais me impactaram nesse percurso foi o do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD). No primeiro capítulo da dissertação, apresentei o ISD como um posicionamento epistemológico segundo o qual "a linguagem desempenha um papel central no desenvolvimento humano" (Molina, 2016, p. 18). Na mesma direção, destaquei que, para essa corrente teórica, os textos e gêneros ocupam lugar central nos processos de mediação e apropriação social da linguagem, de tal modo que "os textos/gêneros são, para o ISD, megainstrumentos do desenvolvimento humano" (Molina, 2016, p. 12).

Essa compreensão pode ser articulada com a leitura de Machado (2009, p. 49), para quem as pesquisas do ISD devem ser "práticas no sentido de que elas devem se voltar para problemas concretos da vida humana, buscando analisar, compreender e transformar situações problemáticas", e ao mesmo tempo "teóricas" ou "filosóficas", no

sentido de que "essas intervenções só têm valor quando se baseiam em um trabalho propriamente científico". Essa dupla exigência de intervir e fundamentar foi o que o mestrado me ensinou a perseguir.

Nessa perspectiva, ensinar não significa apenas transmitir conteúdos, mas organizar condições para que os sujeitos se apropriem de instrumentos simbólicos e ampliem sua capacidade de agir com a linguagem. Essa mudança de perspectiva teve consequências práticas imediatas: passei a compreender que minha tarefa como professor não era apenas compartilhar experiências do mercado com os alunos, mas criar condições para que eles se apropriassem de práticas de linguagem específicas, compreendessem os gêneros com os quais trabalhavam e desenvolvessem capacidades para ler, analisar e produzir textos audiovisuais de forma crítica e situada (Molina, 2016).

4. O AUDIOVISUAL COMO OBJETO DE ENSINO: DO GÊNERO À SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Uma das maiores contribuições do PPG-LA para minha formação foi permitir que eu deslocasse o audiovisual de um lugar secundário, muitas vezes tratado apenas como suporte ou recurso pedagógico, para um lugar central nas discussões sobre linguagem. Em minha dissertação, o documentário audiovisual foi tomado como gênero de texto e como objeto de ensino. O trabalho buscou elaborar "uma sequência didática para o ensino do gênero de texto documentário audiovisual, a partir da construção de um modelo didático do gênero" (Molina, 2016, p. 9).

Mais do que formular uma proposta metodológica, essa escolha representava uma tomada de posição epistemológica: o audiovisual precisava ser pensado como linguagem ensinável. Para tanto, o conceito de transposição didática, sistematizado no campo educacional por Chevallard (1991) e reapropriado pelo ISD, tornou-se central. Machado (2009, p. 52) define essa operação como:

"[...] um conjunto de transformações que um conjunto de saberes científicos necessariamente sofre, quando se tem o objetivo de torná-los ensináveis e aprendíveis, transformações essas que, inexoravelmente, provocam deslocamentos, rupturas e modificações diversas nesses saberes".

Em relação ao ensino do gênero documentário, registrei que

"faz-se necessária a construção de uma sequência didática, que possibilite a transposição didática dos conhecimentos construídos a partir do modelo didático, sobre o gênero em questão, para o nível dos conhecimentos a serem efetivamente ensinados" (Molina, 2016, p. 15).

Esse percurso de transposição exige, antes de tudo, um modelo didático do gênero, ferramenta que Barros (2014, p. 46) descreve como "descritiva e operacional", capaz de "facilitar a apreensão da complexidade de um determinado gênero" ao mapear suas dimensões contextuais, discursivas e linguísticas.

Para a construção desse modelo, apoiei-me na caracterização do documentário como gênero audiovisual não ficcional, autoral e multimodal. Ramos (2008, p. 22) define o documentário como "uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo". Melo (2002, p. 36), por sua vez, enfatiza que "exige-se uma intervenção, um posicionamento autoral do documentarista no modo como as imagens e sons se sucedem", situando o caráter autoral do gênero justamente na relação entre conteúdo e forma, isto é, entre o quê e o como se apresenta o tema.

Essa compreensão do documentário como gênero marcado por intencionalidade enunciativa, polifonia de vozes e multissemiotividade encontra respaldo nas discussões contemporâneas sobre multiletramentos. Rojo e Barbosa (2015, p. 108) argumentam que, em uma cultura digital, "as práticas de linguagem emergentes são híbridas, fluidas e criativas", o que implica que seu ensino deve contemplar não apenas a dimensão verbal, mas os modos de produção e recepção de textos que articulam imagem, som, movimento e escrita. O documentário audiovisual é, nesse sentido, um exemplar privilegiado dessas práticas.

A sequência didática (SD) que propus em minha dissertação, baseada no modelo de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) e adaptada para o contexto brasileiro a partir de Costa-Hübes e Simioni (2014), procurou precisamente criar condições para o desenvolvimento dessas capacidades. Seguindo a estrutura básica que prevê apresentação da situação, reconhecimento do gênero, módulos de atividades progressivas e produção final, a proposta foi ajustada às especificidades do documentário audiovisual: um gênero cuja produção envolve tempo, equipe,

equipamentos e habilidades técnicas que não podem ser desconsideradas na elaboração da sequência.

O modelo de sequência didática que adotei também incorporou a etapa de revisão proposta por Barros (2014), como momento de reflexão sobre a própria produção. Essa escolha se sustenta teoricamente na concepção dialética do conhecimento que orienta o ISD: a aprendizagem não se encerra na produção, mas se aprofunda quando o sujeito se coloca como autor crítico do que produziu, reelaborando, questionando e conscientemente refletindo sobre seu discurso.

5. EGRESSO E DOCENTE: UM NOVO OLHAR PARA O PROGRAMA

Voltar ao PPG-LA como docente, depois de ter passado por ele como mestrando, produz em mim um movimento particular de leitura do programa. De um lado, reconheço a força de uma história consolidada ao longo de 30 anos, marcada por discussões importantes sobre ensino, linguagem, formação, leitura, escrita e práticas discursivas. De outro, percebo também a necessidade permanente de renovação de olhares, problemas e interlocuções.

Ao integrar o grupo de docentes mais recentes do programa, entendo que meu papel não é romper com a tradição do PPG-LA, mas contribuir para sua ampliação. E essa ampliação, a meu ver, passa pela reafirmação de uma característica constitutiva da própria Linguística Aplicada: sua abertura a problemas reais de linguagem e seu diálogo com múltiplos campos de conhecimento. Minha trajetória como pesquisador oriundo da Comunicação me faz valorizar especialmente essa dimensão interdisciplinar e transdisciplinar e mesmo indisciplinar da área.

A noção de Linguística Aplicada indisciplinar, tal como proposta por Moita Lopes (2006), é aqui particularmente relevante. Para esse autor, uma LA contemporânea e comprometida precisa ser capaz de questionar suas próprias fronteiras, de se abrir a epistemologias outras e de colocar a vida social, com toda a sua complexidade, contradição e pluralidade, no centro das investigações sobre linguagem. Esse movimento não é uma negação da rigorosidade científica, mas seu aprofundamento, na

medida em que reconhece que os problemas reais de linguagem não cabem em disciplinas isoladas.

Essa perspectiva dialoga com a que orientou minha dissertação. Em sua conclusão, afirmei que uma das contribuições da pesquisa era demonstrar como investigações desenvolvidas a partir dos aportes do ISD e voltadas à transposição didática de gêneros "podem servir de base para pesquisas envolvendo diferentes áreas de ensino, como a Comunicação Social" (Molina, 2016, p. 95). Em outro momento, destaquei que a escolha de um gênero audiovisual para a modelização se colocava

"ao mesmo tempo, como uma contribuição e um desafio aos pesquisadores, para que se construam modelos didáticos e sequências didáticas voltadas para o ensino de diferentes gêneros, suportes e mídias" (Molina, 2016, p. 95).

Hoje, releio essas passagens como uma espécie de antecipação do lugar que passei a ocupar no programa: o de alguém que chega a ele pela Comunicação, mas encontra na Linguística Aplicada condições para pensar criticamente os discursos audiovisuais e suas implicações formativas. Meu olhar atual para o PPG-LA é, portanto, o de quem reconhece nele um espaço particularmente fértil para articulações entre estudos da linguagem, cultura digital, multiletramentos, circulação de gêneros multimodais, educação midiática e novas formas de produção e recepção dos textos audiovisuais.

6. COMUNICAÇÃO, AUDIOVISUAL E INTERDISCIPLINARIDADE NO PPG-LA

É a partir desse lugar que compreendo minhas contribuições possíveis ao programa. Considero que um dos debates que podem ser aprimorados no PPG-LA diz respeito à comunicação e à linguagem audiovisual, hoje tão presentes e constantes no cotidiano da sociedade. Vivemos em uma cultura intensamente marcada pela circulação de vídeos, documentários, entrevistas, podcasts filmados, webséries, registros de práticas pedagógicas, conteúdos institucionais, materiais jornalísticos e narrativas multiplataforma.

Esse cenário exige não apenas consumo acelerado desses materiais, mas análise crítica e capacitação para compreender seus gêneros, suas características discursivas, seus modos de circulação e seus efeitos de sentido. Em minha dissertação, mostrei que o ensino do documentário em cursos de Comunicação Social frequentemente carece de instrumentos de transposição didática capazes de deslocar o foco exclusivamente técnico para um trabalho mais aprofundado com capacidades de linguagem (Molina, 2016). As capacidades de linguagem, no ISD, são categorizadas em quatro dimensões articuladas: capacidade de ação, capacidade discursiva, capacidade linguístico-discursiva e capacidade de significação (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004; Cristóvão; Stutz, 2011). Desenvolver essas capacidades em estudantes de Comunicação significa prepará-los não apenas para operar equipamentos, mas para produzir discursos com consciência ética, estética e crítica.

Também indiquei que o professor da área precisa considerar a multimodalidade do gênero, seus diferentes suportes e a transformação das relações entre produtores e espectadores em contextos digitais. A circulação dos documentários se ampliou para "sites, redes sociais, dispositivos móveis, entre outros", e a interação entre espectador e documentarista passou a ocorrer também nesses suportes (Molina, 2016, p. 50). Nesse mesmo movimento, Rojo (2012, p. 25) observa que a possibilidade de criação de textos, vídeos e músicas em ambientes digitais colaborativos e interativos "dilui [...] a própria ideia de propriedade das ideias", um deslocamento que impõe novas questões de autoria, circulação e recepção a qualquer investigação sobre a linguagem audiovisual.

Essa observação me parece ainda mais atual em 2025. Se os espectadores deixaram de ocupar apenas o lugar de receptores e passaram também a colaborar, recortar, compartilhar, comentar e ressignificar textos audiovisuais em diferentes ambientes digitais, então a pesquisa em Linguística Aplicada precisa se interessar cada vez mais por essas práticas. Isso inclui investigar gêneros audiovisuais, modos de autoria, formas de circulação, práticas de leitura crítica, processos de ensino-aprendizagem mediados por mídias e as competências necessárias para que estudantes, professores e profissionais atuem de modo reflexivo nesse ecossistema discursivo.

É nesse ponto que vejo a potência da interdisciplinaridade no PPG-LA. A presença de pesquisadores provenientes da Comunicação, da Educação, das Letras, da Linguística e de outras áreas não dilui o programa; ao contrário, fortalece-o. Essa diversidade amplia o repertório de perguntas, de objetos e de interlocuções. No meu caso, ela permite trazer para o centro do debate questões relacionadas ao audiovisual como linguagem socialmente situada, ao documentário como gênero ensinável, à educação para as mídias e à formação de profissionais capazes de ler e produzir discursos audiovisuais com consciência ética, estética e crítica.

Também me interessa pensar, no âmbito do programa, as pontes entre pesquisa acadêmica e circulação social do conhecimento. A própria série Coletivando, analisada em minha dissertação, nasceu da observação de apresentações de pesquisas no SePLA 2014 e do desejo de tornar esse conhecimento mais visível e acessível a públicos para além da universidade. No texto de 2016, registrei que o principal objetivo da série era "possibilitar o acesso a conteúdos de dissertações de mestrado a um público que está fora do espaço acadêmico, de forma a ampliar a esfera comunicativa desse gênero" (Molina, 2016, p. 14). Essa experiência reforçou em mim a convicção de que o PPG-LA pode contribuir para pensar formas de tradução, circulação e divulgação do conhecimento em linguagens audiovisuais, aproximando a produção científica de diferentes públicos e contextos sociais.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escrever este texto para a edição comemorativa dos 30 anos do PPG-LA, volto ao programa com um olhar atravessado pelo tempo e pela experiência. Retorno a ele como alguém que primeiro encontrou ali um espaço de formação e que hoje passa a integrá-lo também como docente. Esse duplo pertencimento me permite afirmar que minha trajetória no programa foi decisiva para que eu compreendesse a docência como prática de mediação, a pesquisa como espaço de reelaboração de minha própria experiência profissional e a Linguística Aplicada como campo capaz de acolher, problematizar e transformar questões vindas de diferentes áreas.

Se, durante muitos anos, minha identidade esteve prioritariamente ligada ao mercado audiovisual, foi no PPG-LA que aprendi a compreender o audiovisual como linguagem, como gênero, como objeto de ensino e como prática social. Foi também no programa que encontrei os instrumentos teóricos e metodológicos para repensar meu trabalho como professor. Em minha dissertação, reconheci que esse processo me levou a uma "reconcepção do trabalho docente" (Molina, 2016, p. 6). Hoje, ao revisitar essa formulação, percebo que ela continua sintetizando com precisão o impacto que o programa teve em minha formação.

Como docente do PPG-LA, meu compromisso passa a ser o de fortalecer e ampliar essa interlocução entre Comunicação e Linguística Aplicada. Vejo como contribuição possível ao programa o aprofundamento dos debates sobre linguagem audiovisual, gêneros multimodais, circulação digital de discursos, educação midiática e formação crítica para leitura e produção de textos audiovisuais. Em uma sociedade saturada de imagens, sons e narrativas híbridas, formar pesquisadores, professores e profissionais capazes de compreender esses discursos tornou-se uma tarefa urgente.

Entendo, por isso, que o PPG-LA tem muito a ganhar ao ampliar ainda mais seu diálogo com essas práticas de linguagem contemporâneas. Esse diálogo não precisa ser construído desde zero: ele já está inscrito na vocação interdisciplinar do programa e na disposição que sempre o caracterizou de enfrentar problemas reais de linguagem com rigor e abertura. É nesse horizonte que situo meu trabalho, meu projeto de pesquisa e meu olhar para o presente e o futuro do programa.

REFERÊNCIAS

BARROS, Eliana Merlin Deganutti de. As reconcepções do trabalho docente no processo de transposição didática de gêneros. In: BARROS, Eliana Merlin Deganutti de; RIOS-REGISTRO, Eliane Segati (org.). **Experiências com sequências didáticas de gêneros textuais**. Campinas: Pontes, 2014. p. 41-68.

CHEVALLARD, Yves. **La transposición didáctica**: del saber sabio al saber enseñado. Buenos Aires: Aique, 1991.

COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição; SIMIONI, Claudete Aparecida. Sequência didática: uma proposta metodológica curricular de trabalho com os gêneros discursivos/textuais. *In*: BARROS, Eliana Merlin Deganutti de; RIOS-REGISTRO, Eliane Segati (org.). **Experiências com sequências didáticas de gêneros textuais**. Campinas: Pontes, 2014. p. 15-39.

CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes; STUTZ, Lidia. Sequências didáticas: semelhanças e especificidades no contexto francófono como L1 e no contexto brasileiro como LE. *In*: SZUNDY, Paula Tatianne Carréra et al. (org.). **Linguística aplicada e sociedade: ensino e aprendizagem de línguas no contexto brasileiro**. Campinas: Pontes, 2011. p. 17-40.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 81-108.

MACHADO, Anna Rachel. **Linguagem e educação: o ensino e a aprendizagem de gêneros textuais**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de. O documentário como gênero audiovisual. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 5, n. 1/2, p. 25-40, jan./dez. 2002.

MOLINA, Thiago Vasquez. **Sequência didática para o ensino do gênero documentário audiovisual construída a partir da série Coletivando**. Taubaté, SP: Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade de Taubaté, 2016. 127p.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 85-107.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac, 2008.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (org.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola, 2012. p. 11-31.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jaqueline Peixoto. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos.** São Paulo: Parábola, 2015.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2002.

Thiago Vasquez MOLINA

Doutor em Comunicação Audiovisual pela Universidade Anhembi Morumbi, mestre em Linguística Aplicada e pós-graduado em Comunicação e Marketing Político pela Universidade de Taubaté, instituição em que se graduou em Publicidade e Propaganda (2003). É professor efetivo da Universidade de Taubaté, atuando no Departamento de Comunicação e Negócios e nos programas de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada e Mestrado Profissional em Educação. Coordena o curso superior de Tecnologia em Produção Audiovisual e é coordenador institucional do Programa de Extensão Universitária da Pós-Graduação (PROEXT-PG/CAPES). Atua também como Editor de VT da TV Educativa da UNITAU. Suas pesquisas concentram-se em produção audiovisual, cinema, documentário e linguagem audiovisual como objeto de ensino.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9685-0832>

E-mail: thiago.vmolina@unitau.br